

Segurança e qualidade dos cuidados na óptica do cidadão



A Secção Regional do Norte (SRN) da Ordem dos Enfermeiros (OE) promoveu no passado dia 27 de fevereiro, uma Conferência subordinada ao tema “Perceção atual do Cidadão sobre a segurança e qualidade dos cuidados de saúde/Enfermagem”. A oradora convidada foi Raquel Varela, Investigadora do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa e Investigadora do Instituto Internacional de História Social, que analisou a visão atual da população portuguesa sobre a segurança e a qualidade na saúde e na Enfermagem. O debate foi moderado pelo Presidente da Secção Regional do Norte da Ordem dos Enfermeiros, enfermeiro Jorge Cadete.

Raquel Varela começou por fazer um roteiro que começou na perceção dos cidadãos, analisou o que está mal e respondeu à questão premente: há ou não há dinheiro para resolver os problemas?

Destaque-se que este evento aconteceu numa altura em que o Serviço Nacional de Saúde é alvo de mudanças constantes fruto de cortes orçamentais. É por isso que a Ordem dos Enfermeiros, que tem como desígnio fundamental promover a defesa da qualidade dos cuidados de Enfermagem prestados à população, pretendeu dar voz a todos os que se manifestam a favor e contra. A conferência esteve aberta ao público em geral.

A convidada começou por abordar a mais recente temática das mortes nos serviços de urgência, lançando a questão para o debate: afinal o que sabem os cidadãos sobre a atividade do Enfermeiro? Segundo Raquel Varela, “não fazem qualquer ideia, tal como não sabem o que faz o trabalhador do metro... apenas sabem que faz greve porque é isso que as notícias passam. E quando chegam ao SNS, depois de passar o administrativo, o primeiro rosto é o do Enfermeiro. O tempo infundável de espera leva de imediato à reclamação”. Claro que as queixas não chegam ao Ministro da Saúde, recorda a oradora, que não hesita em afirmar que “o enfermeiro é o muro das lamentações daquele utente, que desconhece a realidade da profissão”.

Raquel Varela recorda que aos diferentes serviços de saúde debilitados chegam cidadãos em condições extremamente fragilizadas. Cidadãos pobres, que nos seus salários abdicam de uma parte para que o Estado devolva em serviços. Pela frente encontram técnicos de

Raquel varela debateu segurança e qualidade dos cuidados de enfermagem e afirmou que

“o estado social é autosustentável”

saúde que desempenham as mesmas funções mas em condições salariais diferentes e com horários sobrecarregados. “Este confronto de pessoas fragilizadas – doentes e profissionais – nunca pode ter bom resultado”, conclui.

Com base no trabalho de investigação que desenvolve Observatório para as Condições de Vida, onde são estudadas as condições de trabalho de profissionais como os Enfermeiros e os Professores, Raquel Varela sugere a realização de um estudo que permita o levantamento das circunstâncias em que são desenvolvidas estas profissões que acusam mais esgotamento e exaustão, cuja esperança média de vida não deve ser muito longa, e onde a progressão na carreira ou não existe ou é desmotivante. A propósito a investigadora recorda que “a alta produtividade advém dos bons salários e não o contrário”.

Sobre a “padronização dos utentes nos cuidados de saúde” Raquel Varela recorda que “os doentes não são todos iguais e que as histórias clínicas devem ser ouvidas com tempo”. Segundo a oradora muito mais importante que os tempos determinados para o atendimento de cada doente são questões como a proximidade e a autonomia no atendimento para evitar a desmotivação e a falta de vontade. “Os utentes esperam longas horas e quando chegam à consulta têm pouco tempo para contar a sua história antecedente. Desconhecem-se contextos e à custa disso desperdiçam-se milhares de euros no SNS”. Raquel Varela defende medidas como o acompanhamento dos tratamentos pelos enfermeiros, a prevenção da doença e a promoção da saúde. “É possível demonstrar estatisticamente que se a toma dos medicamentos, por exemplo, fosse acompanhada pelos enfermeiros se poupava muito dinheiro”. Recorrendo a exemplos de países como a França, Inglaterra e Holanda, lembrou a forma como encaram a maternidade que tem permitido às recém mães terem tempo para aprender a cuidar do bebé e a ter tempo para si. Assim como o tratamento dos doentes acamados que muitas vezes não cumprem as regras básicas de prevenção da doença levando mais tarde ou mais cedo ao internamento hospitalar, logo a mais despesas. Despesas essas que poderiam ser evitadas se o Enfermeiro estivesse presente na vida desses doentes. Alertou ainda para a necessidade de implementação do “efeito placebo”. Segundo a investigadora se um doente chega ao pé de um enfermeiro relaxado e tranquilo, porque teve tempo de desenvolver as suas tarefas com calma e cuidado, tem um efeito diferente no doente, tem um efeito de cura. “Afinal, as relações laborais são relações humanas”, defendeu,

Raquel Varela terminou a sua intervenção afirmando taxativamente “que o Estado Social é autossustentável. Não há dotação orçamental? Há! Há! Há é má gestão efetiva dos serviços de saúde”.